

# **CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA DA EJA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: juventudes presentes na EJA**

**PROFESSORA MARIA DA CONCEIÇÃO F REIS FONSECA**

**A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-EJA.**

**Sandra Mary Monteiro turma 01 2010755442**

## **1 INTRODUÇÃO**

Desde criança já pensava em ser professora. Era um sonho, pois a escola estava algo distante da minha realidade. Com muita dificuldade e através de bolsa de estudos, me formei no Magistério em 1973 no Instituto Nossa Senhora do Sagrado Coração, em Divinópolis.

Desde então trabalho em escolas da rede pública municipal e estadual, sempre com as primeiras séries do Ensino Fundamental. Pela necessidade de trabalhar à noite, optei pela Escola Municipal Padre João Bruno. Esta escola implantava no ano de 1997, no turno da noite, o curso regular de suplência, de 1ª à 4ª série e de 5ª à 8ª série, para alunos que não concluíram as etapas do ensino regular.

Uma nova forma de lidar com as questões pedagógicas foi implantada nessa escola, incluindo e experimentando formas didáticas diferenciadas, tais como dinâmicas de sociabilização e autoestima, autoconhecimento e artes, teatro, dança, jogos diferenciados, gincanas, trabalhos em grupo; práticas para o aluno adquirir maior autonomia e consciência sobre si mesmo e o mundo que o cerca.

A coordenadora, a partir de sua experiência pedagógica em sala de aula, durante seis anos, elaborou e coordenou a construção desse projeto, onde se pretendia uma escola que respeitasse a realidade dos alunos. Os temas das aulas eram vinculados às questões do dia a dia, os conhecimentos iam além de processos de memorização. A escola deve ser, dentro dessa concepção, um lugar agradável para alunos e funcionários. Todos exercendo um trabalho cooperativo, democrático, responsável, onde o aluno é o centro do processo educativo.

Pude perceber o quanto à escola tradicional é dominadora e como seu modelo opressor impede formas de expressão do sentimento humano. Como

professora eu não queria repetir esse modelo de escola. Aderi ao trabalho pedagógico dessa escola.

Esta mudança não foi instantânea. Houve investimento em leituras, cursos, palestras, participação em reuniões de estudos, tudo com o intuito de conhecer novas teorias e tendências educacionais. Desde o início, todos os funcionários deveriam ser capacitados para o serviço, com muitos cursos, encontros, debates, avaliações e leituras. Para isso acontecer, deveria haver disponibilidade de todos, mas alguns professores não se adaptaram, e muitos profissionais saíram da escola, dificultando a execução dessa proposta.

No meu processo de trabalho, mesmo tendo muito tempo de carreira e envolvimento com o espaço educacional, encontrei alguns desafios que tive que enfrentar. A necessidade de crescimento profissional e humano exigia a continuidade dos estudos. Iniciei em 1996 minha formação acadêmica em Licenciatura Plena no CSFP (Curso Superior de Formação de Professores para as Quatro Primeiras Séries do Ensino Fundamental), e concluí em 1999. Além de aprimorar os conhecimentos, o outro desafio é saber como levar para a prática pedagógica aquilo que aprendemos.

A graduação em Pedagogia foi muito significativa em minha formação, me oferecendo subsídios para ampliação de conhecimento na área educacional e por tudo isso, pude me sentir segura para participar ativamente de debates e discussões acerca da profissão docente. Paralelamente, a minha participação no meu local de trabalho tornou-se muito mais ativa. Antes, eu tinha receio de me posicionar frente a qualquer discussão.

O papel desempenhado pelos professores nas diferentes disciplinas de minha graduação foi fundamental para meu envolvimento com as questões da didática, do aprender a aprender. Por ser um curso diferenciado, onde 15 (quinze) professores trabalhavam com projetos interdisciplinares, era muito parecido com a escola em que trabalhava.

Ampliei o meu repertório com leituras direcionadas ao fazer pedagógico. A vontade de compreender o processo ensino-aprendizagem levou-me a iniciar o Curso de Pós- Graduação Latu-Sensu em Teoria e Prática do Ensino Superior(EAD) na Ferlagos (Faculdade da Região dos Lagos, em janeiro a dezembro de 2000. Concluí com a monografia : A Educação Lúdica na Construção do Conhecimento Matemático.

Ampliei minha experiência no CAIC - Centro de Atendimento Integral a Criança. Essa escola localiza-se no Bairro Serra Verde, na periferia de Divinópolis/MG. A comunidade é muito carente, composta de casas populares, sem infra-estrutura, a população é diversificada, vinda de outras cidades e estados diferentes. São trabalhadores aposentados, donas de casas, desempregados e sub empregados, com mão-de-obra desqualificada, além de contar com um alto índice de violência, traficantes e usuários de drogas. A escola busca fazer acontecer o desejo da integração com a comunidade dentro de sua realidade cultural, social e econômica. Acreditamos que é possível através da escola realizar muitas ações sociabilizadoras e conscientizadoras do processo de valorização da cidadania.

Em novembro de 2010, comemorou-se o aniversário do CAIC, com o objetivo de uma maior integração entre diurno e noturno, desenvolveu-se atividades recreativas e de lazer para a EJA, envolvendo as demais turmas da escola. Observando estas diferentes realidades, diurnas e noturnas, sobressaíram-se duas atividades que foram propostas para a integração da escola e seus alunos e comunidade. O jogo de queimada e jogo de peteca. Estas atividades proporcionaram maior envolvimento e participação entre os turnos e os alunos.

Descobri nesse processo como é importante utilizar os jogos lúdicos, como elemento que pode contribuir na construção dos saberes. Assim é necessário refletir sobre a utilização dos jogos e brincadeiras na formação e desenvolvimento dos educandos da EJA. Acredito na eficácia do ensino dos jogos lúdicos como fator de inclusão social, podendo ser considerado como ferramenta pedagógica na escola ou fora do contexto escolar.

Este trabalho pretende abordar esse tema, buscando perceber se os jogos trazem ou não contribuições para o processo de aprendizagem dos educandos da EJA.

## 2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

A EJA é uma modalidade própria da “educação com os jovens e adultos, de nível fundamental e médio devendo ser permeada pelo diálogo crítico entre a educação popular e a educação escolar e pela construção coletiva de uma educação continuada ao longo da vida”.(PLANO DECENAL DE EDUCAÇÃO DE DIVINÓPOLIS, 2004- 2013)

Entender a EJA, fundada nas experiências da educação popular, é organizá-la de modo que o seu currículo seja a expressão viva dos interesses, dos modos de vida, das experiências com o mundo do trabalho dos educandos/educandas e educadores/educadoras, possibilitando assim a educação formal e informal. Dentro do sistema escolar, a EJA deve ser cada vez mais flexível às trajetórias dos jovens e adultos, marcadas por dificuldades e contínuas exclusões numa sociedade de classes. (PROJETO EJA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE DIVINÓPOLIS, 2011, p. 13)

A EJA é também compreendida como educação permanente, porque jovens, adultos e idosos devem ter uma contínua educação em escolas e em outros espaços tais como centros tecnológicos, centros de lazer e centros de cultura. A definição e implementação da política pedagógica própria para a Educação de Jovens e Adultos em Divinópolis determina, conforme Lei de Diretrizes Básicas do Município:

1. Erradicação do analfabetismo em Divinópolis.
2. Universalização da oferta do Ensino Fundamental para jovens e adultos acima de quinze anos.
3. Expansão, gradativa, de cursos de nível médio para jovens e adultos.
4. É necessário pensar a Educação de Jovens e Adultos como um modelo pedagógico próprio, a fim de se criar situações para satisfazer as necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos. (PLANO DECENAL DE EDUCAÇÃO DE DIVINÓPOLIS - MG – 2004-2013 p. 75”)

Em 2005, formou-se uma equipe composta por professores da EJA e técnicos da Secretaria Municipal de Educação com o objetivo de elaborar um projeto que atenda o perfil diversificado dos jovens e adultos em suas necessidades e especificidades. Diante disso, a Secretaria Municipal de Educação propõe o “Projeto de Educação de Jovens e Adultos” que na sua essência aponta soluções para a problemática apresentada, contendo na organização e funcionamento:

- Reorganização do tempo do educador;
- Flexibilização da carga horária anual;
- Organização curricular por áreas do conhecimento;
- Flexibilização do tempo do educando;
- Metodologia e ações que atendam as necessidades de aprendizagem;
- Processo avaliativo capaz de diagnosticar as dificuldades e possibilidades do educando e do educador, reorientando o processo educativo. (PROJETO EJA – SME, 2005 p.11)...

A Constituição Federal Brasileira de 1988 assegura a todos o direito ao Ensino Fundamental. Esse princípio aplica-se, sem restrições, também à Educação de Jovens e Adultos, conforme consta nos fragmentos da lei: “Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I – Ensino Fundamental obrigatório e gratuito, assegurado, inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria. (...)” (CF, 1988).

Trabalhar na EJA é ter compromisso com a transformação social. Sonhar com outro mundo possível, de justiça, igualdade social e solidariedade. É se colocar ao lado dos sujeitos para transformar, com os conhecimentos e lutas, a sociedade brasileira. A EJA tem essa radicalidade política para com a humanização e libertação dos seus sujeitos! A EJA se prima pela construção coletiva e democrática, requerendo a participação dos educadores e educandos na definição de seus tempos, de suas regras de convivência, na construção dos conhecimentos implicando no rompimento da experiência individualista e fragmentada do ensino. Assim, a EJA tem um currículo fundado nas experiências dos seus sujeitos, e, portanto, exige tempo para o planejamento coletivo. A EJA é também compreendida como educação permanente, porque jovens, adultos e idosos devem ter uma contínua educação em escolas e em outros espaços tais como centros tecnológicos, centros de lazer e centros de cultura. Concebê-la como educação continuada é afirmar a necessidade de políticas públicas do Estado para com essa modalidade de ensino, com mais recursos e ampliação do direito subjetivo de aprendizagem para todas as idades em nosso município. (PROJETO EJA - SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, DIVINÓPOLIS/MG).

Em conformidade com os objetivos da EJA, já que essa exige para o desenvolvimento de um ensino adequado “uma formação inicial específica consistente, assim como um trabalho de formação continuada dos educadores”. (MACHADO, 2001, p. 16). A formação recebida pelos professores, normalmente por meio de treinamentos e cursos, é insuficiente para atender às demandas da Educação de Jovens e Adultos.

## 2.1 OS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Os educandos da EJA apresentam um tempo fragmentado de escolaridade, com repetências acumuladas ou interrupções na vida escolar. Muitos nunca foram à escola ou dela tiveram que se afastar, em função da entrada precoce no mercado de trabalho, seja pelas necessidades de sobrevivência da família, seja pela busca de autonomia ou ainda pela exclusão social.

Estes jovens e adultos, muitos deles trabalhadores e que participam da garantia da sobrevivência da família a qual pertencem, trazem nas suas relações sociais, culturais e afetivas, especificidades de conhecimento, memória, religiosidade e política. Essas dimensões devem então, ser incorporadas ao saber escolar. A escola pode ser mais um agente de aprendizagem além de tantos outros espaços já presentes como o trabalho, o sindicato, a igreja, os grupos políticos, as festas populares, a televisão e outros.

Nesse sentido, é importante também distinguir as duas faixas etárias da modalidade EJA. Apesar de partilharem da mesma situação desvantajosa, as expectativas e experiências dos jovens, freqüentemente, não são coincidentes com as dos adultos. Tratar a adolescência com a mesma proposta educativa articulada para a idade adulta significa não reconhecer as suas especificidades culturais, de vivência corporal, de vivência da sexualidade e de identidades. Ao mesmo tempo, tratar a adultez no âmbito da adolescência significa não assumir a responsabilidade frente aos desafios da vida adulta. Sendo assim, este documento recomenda a construção coletiva (educando, educadores, direção escolar e outros) da proposta pedagógica em cada unidade escolar, que contemple os segmentos da adolescência de 15 a 17 anos e adultez, a partir de 18 anos. (PROJETO EJA –SME –DIVINÓPOLIS/MG).

O educando deve sentir que a escola se importa com suas necessidades, através de um quadro de educadores conscientes que lidam com esses sujeitos, donos de um saber próprio que não deve ser desprezado. O educando deverá possuir o sentimento de pertencimento ao curso e à escola, contribuindo sempre para decisões coletivas. O desenvolvimento do processo educativo deve ser comprometido com as especificidades do trabalho na EJA, reconhecendo o educando como um sujeito que tem saber e noção de seus limites e possibilidades. Deve contribuir para a sua mudança social e garantir a formação da sua identidade como cidadão.

## **2.2 O EDUCADOR DA EJA**

Para construir outros modelos educativos deve-se investir no educador da EJA, como se encontra no Plano Decenal de Educação de Divinópolis, no Capítulo da Formação e Valorização dos Profissionais da Educação:

O objetivo da educação de qualidade é assegurar às crianças, jovens e adultos as aprendizagens imprescindíveis ao desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, afetivas, físicas, éticas, estéticas, de inserção social e de relação inter e intrapessoal. Para assegurar os direitos dos educandos, os educadores também precisam ter assegurado o seu direito a uma valorização que lhes permita atuação compatível com as exigências acima colocadas (LDB -DIVINÓPOLIS, 2003, p. 93)

Sendo assim, é de real importância que se reflita sobre o perfil do profissional da EJA, sobre quem é o educador de jovens e adultos. O profissional deve conseguir responder ou buscar soluções, para o que os alunos necessitam, refletindo e pensando intervenções pedagógicas adequadas à modalidade, associadas aos contextos de vida e que valorizam os conhecimentos prévios desses alunos. Evidencia-se, então, a necessidade de se investir na formação profissional e pessoal do educador da EJA, numa dinâmica de articulação constante entre teoria e prática pedagógica.

## **2.3 O CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:**

A EJA reconhece que nas práticas educativas, educandos e educadores são sujeitos culturais e sociais que estabelecem relações e partilham saberes, idéias, valores, vivências, identidades e diversidades.

O jovem e o adulto trazem consigo a experiência de vida que deve ser valorizada como tempos de aprendizagem, abrindo a possibilidade de consolidação de uma concepção de educação que reconheça a pluralidade de processos, tempos e espaços formadores e que rompa com a idéia de que os conhecimentos, saberes e pedagogias construídos na escola sejam os únicos legítimos, definidores da cidadania e da cultura. A escola é um dos espaços e tempos educativos, porém não é o único. (PLANO DECENAL DE EDUCAÇÃO – SME 2004-2013, DIVINÓPOLIS/MG)

Um dos grandes desafios aos educadores da EJA é quanto à metodologia a ser utilizada. O uso da interdisciplinaridade, da transdisciplinaridade e ainda a utilização da pedagogia de projetos contribuirá para o trabalho a ser desenvolvido. As experiências dos educandos deverão orientar as escolhas das temáticas e das

estratégias perseguidas na elaboração dos novos conhecimentos e saberes, para que novas questões e intervenções venham a ser formuladas pelo grupo.

Os projetos, os materiais didáticos e os procedimentos metodológicos são definidos de acordo com as necessidades do grupo. Esta metodologia exige um diálogo constante dos educadores com os educandos.



### **3 O Jogo como Conteúdo de Ensino para a Prática Pedagógica**

A escola de jovens e adultos pode tornar-se para os educandos um espaço privilegiado de formação com metodologias divertidas e dinamizadas, desfrutando de momentos prazerosos ao mesmo tempo em que constrói um conhecimento escolar agradável.

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento. (SANTOS, 1997, p.12).

Frente às diversas contribuições sobre o jogo, trazidas por Huizinga (1988), entre as principais características que têm despertado interesses de vários estudiosos, destacamos a que está no fato de o jogo aparecer como momento de descontração de aulas altamente disciplinadas. O jogo aparece como instituição esportiva; o jogo aparece enquanto momento de lazer, de brincadeira; o jogo aparece enquanto conteúdo mais adequado a ser trabalhado com os alunos.

Considera-se o jogo como fenômeno cultural. Mesmo após o seu término, ele é conservado na memória, transmitido, podendo tornar-se tradição. A repetição pode acontecer a qualquer momento. O limite do espaço no jogo é evidente assim como o limite do tempo. O jogo cria ordem. No jogo verifica-mos o esforço do jogador até o final, pois ele pretende ser vitorioso à custa deste esforço. Mesmo ao considerar o desejo da vitória, o jogador deverá sempre respeitar as regras do jogo.

Huizinga (1988) analisa que a desobediência a essas regras acarreta "a derrocada do mundo do jogo". Ao longo da História o homem vem dando diversas e distintas sistematizações acerca do jogo, perspectivando entendê-lo melhor, classificando-o, conceituando-o, categorizando-o, reconstruindo-o, na intenção de poder melhor usufruir deste bem.

Para classificá-lo, diferentes elementos foram tomados como referência; diante do material utilizado no jogo ele apresenta-se como jogo de cartas, jogo de dados, jogo com bola, jogo eletrônico; diante do local onde se realiza o jogo ele apresenta-se como jogo de quadra, jogo de campo, jogo de salão, jogo de mesa; diante da atividade ênfase que o jogo desenvolve ele apresenta-se como jogo de pensamento lógico, jogo de faz-de-conta, jogo de memória, jogo de atenção; diante da função do jogo ele apresenta-se como jogo educacional, jogo terapêutico, jogo

olímpico. Assim uma infinidade de classificações de jogos surgem para melhor categorizá-lo.

A Educação Física, enquanto atividade curricular nas escolas, que se responsabilizava, em diferentes momentos históricos, por realizar, com os alunos, atividades ginásticas, esportivas, recreativas e outras, incorporam o jogo para suas atividades no interior das sessões de aulas. O jogo aparece como momento de descontração de aulas altamente disciplinadas; o jogo aparece como instituição esportiva, sendo exigido o rendimento técnico; o jogo aparece enquanto momento de lazer, de brincadeira caracterizando-se como catarse de um ensino autoritário; o jogo aparece enquanto premiação após a realização de sessões de aulas com alto índice de desgaste físico; o jogo aparece enquanto "*conteúdo*" mais adequado a ser trabalhado com os alunos: queimado para as meninas e futebol para os meninos.

Em meado da década de 80 surge um entendimento diferenciado e inovador para a Educação Física. Este sugere que a Educação Física seja compreendida enquanto prática pedagógica que tematiza elementos da Cultura Corporal, tendo como seu objeto de estudo a Expressão Corporal como Linguagem (Coletivo de Autores, 1992). Desta forma, o acervo de conhecimentos da humanidade, acumulado ao longo da História, referente a cultura corporal, passa a ser sistematizado e organizado através de temas que representam conteúdos de ensino para as aulas de Educação Física. Assim não é mais prudente utilizar-mos o JOGO enquanto atividade para as sessões de aulas, já que a perspectiva é superar o entendimento de Educação Física enquanto atividade curricular e construir uma legitimação pedagógica para entendê-la enquanto disciplina curricular (Bracht, 1992).

A partir da compreensão de Educação Física enquanto disciplina curricular (prática pedagógica), os profissionais da área, devem organizar e estruturar a ação pedagógica de forma que o jogo seja entendido, apreendido, refletido e reconstruído enquanto conhecimento que constitui o acervo cultural da humanidade, possibilitando sua constatação, sistematização, ampliação e aprofundamento (Coletivo de Autores, 1992).

Diante desses elementos estabelecemos, para as aulas de Educação Física, uma sistematização mais específica a respeito do jogo; de forma que seja entendido enquanto conhecimento, não perdendo sua essência e características enquanto fenômeno cultural. Assim identificamos e propomos uma sistematização em que são evidenciados categorias, características, classificações e conceitos acerca do jogo:

Jogos de Salão são aqueles conhecidos também como jogos de mesa, em que o jogador desprende menos energia por parte da movimentação corporal, realizados em pequenos espaços, geralmente em ambientes mais fechados (salas), usando-se tabuleiros e pequenas peças para representação dos jogadores, em que suas regras são pré-determinadas.

Jogos Populares são aqueles conhecidos também como jogos de rua, em que seus elementos podem ser alterados/decididos pelos próprios jogadores, portanto apresentando-se com uma variabilidade no número de participantes, com uma flexibilidade de regras, e sem exigir recursos materiais mais sofisticados, pois sua gênese está na cultura popular.

Jogos Esportivos são aqueles que assumem características de esportivização, geralmente são conhecidos como esportes coletivos, suas regras são determinadas com rigorosidade. Entendendo o processo educacional de maneira ampla e com significados abrangentes, o ensino de esportes não fica limitado a concepções de Educação Física; tampouco se limita ao ensino de técnicas esportivas.

No Brasil, já há algum tempo, cientistas do esporte e pedagogos da Educação Física têm colaborado neste tema, estando em contato direto com as novas abordagens científicas de ensino e desenvolvimento de esporte. Muitos dos professores de Educação Física, instrutores e monitores de esporte conhecem o chamado ensino tradicional ou tecnicista e o identificam como o que ensina as técnicas esportivas através da pura repetição de movimentos, exercícios, gestos e atitudes. Esta é uma visão estreita que precisa ser reformulada, pois o esporte comporta hoje uma totalidade de expressões humanas.

Como um dos fatores de inclusão social, o esporte é um poderoso mecanismo de integração, podendo ser considerado como ferramenta pedagógica na escola (ou fora do contexto escolar) dependendo das ações desencadeadas pelos professores, instrutores e monitores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste processo, almejando um ensino-aprendizagem que supere a educação tradicional, é que vislumbramos as práticas de jogos estejam efetivamente presentes na educação de jovens e adultos, sem deixar que isto seja entendido como simples entretenimento. Os jogos e brincadeiras devem contribuir para o enriquecimento da realidade dos educandos. O envolvimento de educadores em busca de novas metodologias que atendam e despertem o interesse e a motivação dos educandos.

Ao longo da história da educação brasileira pouco se fez em prol de um ensino de qualidade para jovens e adultos. Para reverter esse quadro, é preciso envolver os alunos em um processo de ensino norteado por práticas que possibilitem a inclusão educacional e social. Para isto, os trabalhos educativos com jovens e adultos devem estar alicerçados com práticas que incentivem a permanência do educando na escola, permitindo o seu desenvolvimento em várias dimensões e fazendo com que ele se prepare para novos desafios.

Assim sendo, os jogos e brincadeiras passam a constituir uma possibilidade de novas oportunidades para as pessoas que não tiveram oportunidades educacionais na idade própria e retornaram à escola na tentativa de superar o tempo perdido, e que elas possam encontrar nessa escola um ambiente prazeroso e de satisfação pessoal.

Numa concepção lúdica, a linguagem oral e escrita deve ser considerada como forma de interação para externar pensamentos ou para apropriação de conhecimentos. Desse modo, podemos através dos jogos, brincadeiras, montagens e produções dos alunos, criar um ambiente alfabetizador significativo e concreto. Além disso, a descrição de objetos práticos pode ajudar o educando no desenvolvimento de variadas dimensões (ética, artística, afetiva).

É importante lembrar que a leitura crítica da realidade proporciona um novo fazer pedagógico, e que a educação deve ser vista “como um dos meios capazes de proporcionar à classe trabalhadora um saber que seja instrumento de luta, a fim de que possa de forma consciente, renascer enquanto homens e com eles uma nova escola”.(VALE, 2001, p.46).

## Referências Bibliográficas

BRACHT, Valter. Educação Física e Aprendizagem social. Porto Alegre: Magister, 1992.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

DIVINÓPOLIS. Câmara Municipal. *Plano Decenal de Educação Divinópolis/MG – 2004/2013, Secretaria Municipal de Educação, Prefeitura Municipal de Divinópolis.*

HUIZINGA, Johan. Homo lumens. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MACHADO, M. M. Formação de professores de EJA: como as pesquisas tratam este tema... **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, São Paulo, n. 13, dez. 2001.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. O lúdico na formação do educador. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

VALE, Ana Maria do. Educação popular na escola pública, 3ª ed. São Paulo.